

ARTE E PESQUISA: A REFORMA UNIVERSITÁRIA

Antonio Carlos de Almeida Portela*

RESUMO: *As idéias do presente trabalho se organizam a partir das seguintes reflexões: o sentido da palavra reforma, a importância deste tema na área da pesquisa, mais especificamente em artes, e o papel da universidade diante da fomentação e produção do conhecimento científico. Estas reflexões são norteadas por Marilena Chauí, Sílvio Zamboni, Jacob Bronowski e Délcio Vieira Salomon, que defendem pontos de vista interessantes no que diz respeito às artes como veículo importante de conhecimento para extrair uma compreensão dos valores humanos, a arte e a ciência trabalhando com e para a produção do conhecimento, pois em todas as culturas humanas a ciência e a arte sempre coexistiram, e a metodologia como disciplina que se expande em propostas para o ensino-aprendizagem deste novo século. Ressalta-se a visão crítica de Salomon da universidade como um “estabelecimento de ensino” e como “agência profissionalizante”, porque a Universidade hoje tem que ser vista como uma estrutura indissociável do ensino-pesquisa e extensão para formar profissionais cientificamente competentes; questiona o papel do docente nesta empreitada e o coloca como incentivador e orientador da pesquisa, despertando, estimulando, provocando, questionando e se deixando questionar. Portanto pesquisar é o verbo que substitui reformar, pois somente através da pesquisa a Universidade sempre se renovará e se atualizará, contribuindo para as questões da sociedade de cada tempo da história humana.*

Palavras-chave: Pesquisa; Arte; Reforma.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão sobre o tema da VII SEMOC, a questão da reforma universitária, o qual nos faz refletir sobre a situação da universidade como um todo.

Através da experiência em docência e em pesquisa na área de artes, constata-se que, para fazer ciência, é preciso desconfiar da veracidade das nossas certezas, vendo problemas e obstáculos em tudo. Então praticar atitude científica no campo das artes é também desenvolver o senso crítico e a curiosidade dos fatos e acontecimentos.

Torna-se oportuno pensar na reforma universitária como um problema de uma atitude científica, fazendo uma relação entre ciência e arte como um método de investigação para fundamentar esta discussão, ou melhor, para comparar e avaliar os rumos da universidade neste novo milênio, a partir de uma perspectiva artístico-científica.

Segundo Marilena Chauí (2003, p. 286), “duas grandes concepções percorrem a história das relações entre a arte e o saber, ambas iniciadas na Grécia com Platão e Aristóteles”. As visões platônica e aristotélica sofreram mudanças no decorrer da história, mas, desde então, a discussão da arte como conhecimento é objeto de estudo na produção do saber, da ciência. Mesmo que seus pontos de vista divergissem, não deixamos de constatar que ambas as concepções são ainda a base de discussão da pesquisa na área de artes: de um lado, Platão vê a arte como “uma forma de conhecimento humano, portanto, relacionada com a verdade”, enquanto Aristóteles toma a arte como atividade prática humana” (Ibidem, p. 286). Já entre os

* Bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes, UFBA. Mestre em Artes Visuais pelo MAV, UFBA. Docente na UCSAL, Faculdade da Cidade do Salvador e Faculdade de Tecnologia e Ciência.



séculos XVIII e XIX, o conceito de arte como conhecimento encontra seu apogeu com o pensamento de Heidegger, “para quem a obra de arte é desvelamento da verdade” (Ibidem).

Assim percebemos que, durante séculos, a concepção aristotélica da arte como um fazer tem coexistido com a platônica, da arte como um saber, em alguns momentos, criando afinidades e, em outros, provocando atritos para um pensamento dialético.

Pensar em arte e ciência neste momento não é retroceder no tempo, mas contextualizar a importância desta reflexão nos meios acadêmicos e, sobretudo, particularizar a presente situação da pesquisa científica na área de artes como uma estratégia para renovação e atualização do pensamento acadêmico-institucional.

Autores como Marilena Chauí, Jacob Bronowski, Délcio Vieira Salomon e Silvio Zamboni estão aqui apresentados para estabelecer relações entre a questão da reforma universitária e o papel da pesquisa e da arte nesta reforma. Cada um destes autores, colabora com seu ponto de vista da arte como um saber e da pesquisa científica como um método de atualização e fomentação do conhecimento.

REFORMA, ARTE E PESQUISA

Reformar é introduzir mudanças em algo para fins de aprimoramento e obtenção de melhores resultados. Pensar na universidade como uma nova organização, com uma nova forma renovada é a ação básica deste verbo.

Quais os melhoramentos que podem ser introduzidos em âmbito moral ou social? Como restabelecer a disciplina dentro de uma nova ordem? Qual a função social da universidade? O que é preciso fazer para que a universidade hoje se engaje com mais eficácia na fomentação de produção do conhecimento? Quem são os responsáveis por esta ação de renovação?

Pelo visto, este tema nos traz inquietações que não serão respondidas nesta ocasião, pois teríamos que recorrer a diversos segmentos para fazer uma abordagem consistente, porém nada nos impede de trazer estas inquietações para serem aqui discutidas. Neste caso, elegi autores para conduzir a discussão da reforma universitária, considerando a importância deste tema na área da pesquisa, mais especificamente em artes, através de algumas reflexões de Délcio Vieira Salomon, Jacob Bronowski e Sílvio Zamboni. A pesquisa científica é o tema de maior interesse neste contexto da reforma universitária e, como a arte tem participado na construção do conhecimento e da ciência ao longo da história da própria humanidade, pois, como diz Silvio Zamboni, “a arte e a ciência, enquanto facetas do conhecimento, ajustam-se e se complementam perante o desejo de obter entendimento profundo [...] já que extraímos dela [a arte] uma compreensão da experiência humana e dos seus valores” (ZAMBONI, 1998, p. 20-21).

Do ponto de vista de Jacob Bronowski (1983), em seu texto *A Força dos Artefatos*, as artes são um veículo muito importante de conhecimento. Podemos extrair delas uma compreensão dos valores humanos, por isso elas se transformam num modo fundamental do conhecimento humano, porém este não é do tipo de instrução como o é aquele obtido pela ciência:

[...] embora a arte e a ciência partilhem nos seus modos de conhecimento, um valor profético e um valor prático, o modo de conhecimento da ciência é diferente porque é explicativo. No meu entender, a arte dá conhecimento e um conhecimento profundo. Aprendemos com ela, sobretudo na juventude; mas o que nos dá como conhecimento final não são explicações (BRONOWSKI, 1983, p. 80).

O autor defende a idéia de que a arte e a ciência trabalham com e para a produção do conhecimento, porém em modos diferentes: não explicativo na arte e na ciência sim.

Em verdade, todo o discurso de Bronowski (1983) transcorre sobre a binômia arte-ciência, uma vez que, em todas as culturas humanas, a ciência e a arte sempre coexistiram, pois.

Não conhecemos nenhuma cultura – por mais primitiva que seja em relação aos nossos padrões – que não pratique, de certa maneira, esse tipo de explicação a que chamei ciência e, que de certo modo não pratique [...] arte [...] não há culturas que se dediquem à ciência e não tenham arte e culturas que se dediquem à arte e não tenham ciência. E não há, certamente, nenhuma cultura desprovida de ambas. Deve haver alguma coisa profundamente enterrada no espírito humano – mais precisamente na imaginação humana – que se exprime naturalmente em qualquer cultura social tanto na ciência como na arte (Ibidem, p. 81).

É notório o fato de que, tanto na arte como na ciência, o conhecimento é fruto de processos racionais e intuitivos, de teorias e de experimentações, com sutis diferenças quanto aos seus resultados, mas que comungam sempre com a produção do conhecimento, isto é, “as atividades relacionadas ao conhecimento humano giram em torno de um componente lógico, racional e inteligível, de um lado, e de um componente intuitivo e sensível, de outro, sendo assim tanto na produção do conhecimento científico, quanto na do conhecimento artístico” (ZAMBONI, 1998, p. 8).

O artefato torna-se, então, o objeto de estudo e argumento fundamental na investigação de Bronowski. Desde os primeiros registros da pedra lascada até os nossos dias, os artefatos têm contribuído na produção do conhecimento uma vez que a produção destes é a prova mais concreta do espírito criativo do ser humano, e o estudo e análise destes objetos artefatuados têm sido problematizações de diversos filósofos, sociólogos, antropólogos, historiadores, geneticistas, entre outros; inquietações que se têm desdobrado em reflexões profundas sobre as questões humanas, portanto geradoras de conhecimento através da cultura e da ciência.

Mas qual a relação disto tudo com o tema proposto nesta VII SEMOC? Quais as relações existentes, na verdade, entre ciência-arte-conhecimento com a reforma universitária? Como a universidade poderá sobreviver neste novo século – não a sobrevivência física-material, mas a sua permanência como colaboradora do mundo das idéias? Como buscar meios (métodos) criativos para desenvolver o processo de adaptação às demandas do século XXI?

Parece-nos difícil criar hipóteses para estes problemas? Bem, talvez seja mais difícil pôr em prática as hipóteses do que encontrar respostas para elas. A exemplo de Délcio Vieira Salomon que vem defendendo a idéia de um novo pensamento na criação de Universidades e Faculdades. Sua experiência na área de metodologia expande-se em propostas para o ensino-aprendizagem deste novo século; ele responde de uma maneira brilhante o cerne dos problemas levantados até aqui.

Uma das primeiras sugestões do Professor Salomon é transformar a metodologia em uma prática acadêmica em todos os cursos superiores, constituindo uma *metodologia do trabalho intelectual*, na qual os atos de pensar, ler e escrever são inseparáveis; outra sugestão é adotar a *metodologia científica*, pela qual a “metodologia não só se ocuparia do estudo de método geral da ciência, [...] mas também de assuntos epistemológicos [...] enquanto processo historicamente descoberto para se fazer ciência” (SALOMON, 1999, p. 9); por último, trabalhar por uma *metodologia da pesquisa*, que seria uma disciplina acadêmica fundamentada no princípio de que não há produção de conhecimento científico a não ser através da pesquisa, ou melhor, “através do processo ‘ensino-aprendizagem’, conjuntamente com o da formação do espírito científico” (Ibidem, p.11).

Vale a pena ressaltar também seu ponto de vista crítico sobre a universidade como um “estabelecimento de ensino” e como “agência profissionalizante”. Para o autor, este é o problema central, detectando a real razão de ser da Universidade. Sua resposta para tal é objetivar a Universidade hoje como uma estrutura indissociável do ensino-pesquisa e extensão para formar profissionais cientificamente competentes, resultando então em fornecer recursos humanos de qualidade à sociedade que mantém estas mesmas instituições. É hora de esquecermos o modelo reducionista da Universidade como uma provedora de profissionais para preencher vagas de mercado, afinal a pesquisa tem sido a criadora e solucionadora de mercado. Vamos defender a idéia de romper com o ensino massificante, o da quantidade, para abrir portas para o ensino de qualidade, aliás, não o ensino, mas a formação do cientista em profissional.

O modelo sugerido pelo Professor-pesquisador Délcio Vieira Salomon sustenta-se nas idéias de Larroyo, Bachelard, Hilton Japiassu e Robert Barrass. O pensamento científico começa por perguntas, dificuldades e não com premissas; destaca que a contemporaneidade e a relevância humana das pesquisas surgem do “diálogo criador de professor e aluno [...] o único capaz de salvar a escola do sadismo pedagógico [...] o professor] desperta, estimula, provoca, questiona e se deixa questionar” (Ibidem, p. 24-25). E por fim ele acredita em uma educação que vise integrar a ciência na cultura geral:

Nosso marco de referência é os objetivos da Universidade contemporânea: a indissociabilidade do ensino-pesquisa e extensão leva-a a formar cientificamente profissionais e fornecer recursos humanos de qualidade à sociedade que mantém. Isso significa que o núcleo, o estofado de todo profissional é, no fundo, uma transformação. Não só do leigo em especialista, mas, sobretudo, do cientista em profissional (Ibidem, p. 10.).

Mas para isso acontecer precisamos fazer os alunos escreverem, dando-lhes maior dimensão didático-pedagógica para identificar seus escritos com o próprio trabalho científico.

CONCLUSÃO

A arte e a ciência têm coexistido e se completado ao longo dos tempos. Pelo fazer “aristotélico”, aquele da *poïesis*, e pelo pensar “platônico”, aquele gerador de conhecimento, evocamos um estudo das artes que estimule e apóie seus alunos e seus professores no campo da pesquisa científica, uma vez que as concepções expressiva e pedagógica da arte sempre foram e continuarão a ser os dois lados da mesma moeda.

Voltamos às questões levantadas no início do texto. Como hipóteses passíveis de soluções, acreditamos que a Universidade tem um dever para com a sociedade, desenvolvendo projetos de serviços e de pesquisa de cunho social-científico. Mas para que isto aconteça, necessitamos de apoio dos alunos, dos professores, das instituições e das agências fomentadoras de pesquisa. A tarefa de cativar e incentivar os alunos para a produção de ciência caberá ao professor que, por sua vez, será o próprio pesquisador, cujo papel só poderá ser desempenhado diante da mobilização das instituições para com as agências de incentivo à pesquisa. A extensão é uma das soluções mais plausíveis em uma primeira instância.

Consideramos que pensar nestes elementos – alunos, professores, instituições e agências de pesquisa – como engrenagem (idéias newtonianas) é obsolescência, pois precisamos detectar as relações que eles têm entre si e a sociedade como um todo. Há décadas já conhecemos novos paradigmas de percepção do mundo; o conceito de relatividade de Einstein parece-nos incorporado para responder certos fenômenos; precisamos nos reformar para atuarmos numa realidade que é dinâmica, sempre em mudança.

Pede-se atenção para a pesquisa na área de artes: pesquisar é o verbo que substitui reformar, que deixa de ser objeto desta reflexão e passa a ser a solução de problemas; somente através da pesquisa a Universidade sempre se renovará e se atualizará, contribuindo substancialmente para as questões da sociedade de cada tempo da história humana.

REFERÊNCIAS

BRONOWSKI, J. **Arte e Conhecimento**: ver, imaginar, criar. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como Fazer uma Monografia**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAMBONI, Sílvio. **A Pesquisa em Arte**. Um Paralelo entre Arte e Ciência. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo).